

CRÍTICA / TEATRO / ÉDIPO REC

# ○ Rei é o horror

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

O horror anda de mãos dadas com a humanidade. Está na criança que apanha de um adulto em plena rua. Nos feminicídios denunciados na televisão. No racismo excludente. Na negação da nossa história. Na vida provisória do morador em situação de rua.

“Édipo REC”, a 15ª montagem do grupo pernambucano Magiluth, é, aparentemente, uma releitura da tragédia clássica de Sófocles. No entanto, a peça desloca o eixo da narrativa para apresentar o ambiente que envolve os crimes cometidos por Édipo. Sob a direção de Luiz Fernando Marques, conhecido como Lubi, o espetáculo celebra os 20 anos da companhia com uma abordagem que mergulha na contemporaneidade, marcada pelo uso intenso da tecnologia.

A peça divide-se em dois atos. O primeiro transforma-se numa festa, comandada pelo DJ Édipo, onde a plateia é levada ao palco, dança e participa de uma celebração intensa. Pessoas desconhecidas tocam-se, são filmadas



Gabriela Passos/Divulgação

**DJ Édipo comanda uma festa onde a plateia é levada ao palco**

— a interação acontece sem motivo ou explicação clara.

O segundo ato aborda a tragédia num ritmo próximo ao dos programas sensacio-

nalistas de televisão: os personagens entram e saem de cena, defendem-se, acusam-se, escondem-se. O ponto alto surge numa excelente projeção em que Édipo, numa motoci-

queta, mata Laio, que está numa bicicleta.

A integração das tecnologias audiovisuais — como a presença de um operador de câmara que interfere nos acontecimentos — reforça a fusão entre o real e o encenado. A festa e a alegria revelam-se como o rosto do horror inevitável. O hiper-realismo evidencia que o horror ultrapassa a realidade quotidiana.

O elenco está coeso na proposta farsesca da encenação. Erivaldo Oliveira, no papel do Coro, assume uma figura drag que conduz o público com humor e ironia, suavizando a tragédia. Giordano Castro interpreta um Édipo que detém o poder do DJ — o poder de controlar as pessoas. Jocasta revolta-se contra a submissão feminina. E Édipo, desta vez, não se cega. Com razão: mesmo com visão, continuamos a não ver o horror.

## SERVIÇO

ÉDIPO REC

Teatro Firjan Sesi Centro (Av. Graça Aranha, 1)

Até 13/5, às quintas e sextas (19h), sábados e domingos (18h)

Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

## NA RIBALTA

POR CLÁUDIA CHAVES

### Hora das palhaças

As Marias da Graça, primeiro grupo de palhaças do Brasil, celebram 34 anos em 2025 com a remontagem do musical “Cada Um No Seu Quadril”, na Cidade das Artes. Formado por Ana Borges, Geni Viegas, Karla Concá e Samantha Anciães, o grupo foi pioneiro ao romper barreiras de gênero na arte do riso. Criadoras do festival “Esse Monte de Mulher Palhaça”, continuam a inspirar mulheres a ocuparem o humor como espaço de resistência, liberdade e expressão artística, misturando dança, canto e palhaçaria.

Carolina Spork/Divulgação



### Resistência gaúcha

A 31ª edição do Porto Alegre em Cena, realizada em 2024, manteve sua excelência artística com mais de 80 apresentações, apesar da grave crise climática enfrentada pelo estado. Em 2025, o festival entra numa nova fase, levando quatro espetáculos a outros estados, ampliando a projeção da arte gaúcha no cenário nacional. O primeiro espetáculo em cartaz no CCBB RJ é “Caio do Céu”, uma homenagem sensível e profunda a Caio Fernando Abreu. Com direção de Luís Artur Nunes, o espetáculo não busca representar o autor, mas sim ser seu porta-voz.



Le?o Silva/Divulgação

### O caso de Lanzer

Em 1907, um jovem chamado Ernst Lanzer, atormentado por seus pensamentos, foi atendido pelo psicanalista Sigmund Freud. As bem-sucedidas sessões de análise deram origem ao célebre estudo clínico “O Homem dos Ratos”, apresentado por Freud no Primeiro Congresso de Psicanálise, em 1908. Com direção, dramaturgia e atuação de Antonio Quinet, “Freud e o Homem dos Ratos” está em cartaz até 8 de maio, no Teatro Vannucci, sempre às quintas-feiras, às 20h30. Além de Quinet no papel de Freud, o ator Igor O. Coelho interpreta o paciente.